

# Boletim Informativo da Casa do Artista



Editorial

Volume I, Edição II

Janeiro 2016

**Bem-vinda Dr.<sup>a</sup> Conceição Carvalho**



**Nesta edição:**

Pensamentos Lapidares	2
Bem-vinda Doutora	3
Solidão	4
Silêncio... morreu a "Bia" (1939/2015)	5
Cá estamos todos	8
Meu irmão—sou teu irmão	11
Curiosidade... Sabe o que é uma Colorista?	12
A Guitarra Portuguesa	14
À Conversa com a atriz Io Appolloni	15

Iniciei as minhas funções como Assessora da Direção da APOIARTE/Casa do Artista no passado dia 20 de Outubro de 2015.

No entanto, já conheço a Casa do Artista desde meados dos anos 80 do século passado, pelas conversas entusiasmadas com o meu Amigo Francisco Nicholson.

Um dia o Xico foi ter com o meu então Diretor (trabalhava então num organismo oficial para a problemática da toxicod dependência) para pedir apoio para a revisão do texto que estava a escrever para a telenovela “Origens” e formação de atores. E o meu Diretor mandou-me chamar. Assim começou uma relação de Amizade e cumplicidades.

Fazia a revisão do guião e a formação de dois atores: o meu querido e saudoso António Feio (um grande beijo estejas onde estiveres) e a Marta Esquível (que é feito dela?). Pelo caminho, conversávamos de milhentas coisas : da vida, da família, da política e, claro, do projeto da Casa do Artista. E dos colegas que se empenhavam em levar o sonho por diante e não esmoreceram durante 20 anos! E um dia “Já há um terreno da Câmara lá para os lados de Benfica”, disse ele.

Bem hajam por isso e por terem conseguido pôr esta Obra de pé com toda a qualidade e dignidade que são a marca e o exemplo para outros Países.

Nos últimos 10 anos foram muitas as visitas que fiz à Casa do Artista: os almoços do Dia Mundial do Teatro acompanhando ou representando Filipe La Féria, os jantares de Natal convidada pela Sónia Fernandes, visitas à Sónia – Amiga e companheira de longa data – e à Mariema que conheci durante a produção do Musical “Amália” e que, após a digressão a França e Suíça, passei a tratar por Madame De Campos... E a Blú que me desafiou algumas vezes para ir dar “uma mãozinha” nos arrumos da Biblioteca.

Até que um dia a Senhora D. Manuela Maria me telefonou e, ao jeito do anúncio me disse “Vamos conversar?”. Pensei que era para fazer reservas para os residentes para o espetáculo do Casino Estoril. Mas era antes para me desafiar a vir colaborar com esta grande Causa. Não podia recusar, apesar do “amuo” passageiro do Filipe La Féria.

Em quarenta e cinco anos de trabalho que levo, conheci muitas instituições e pessoas das mais variadas formações e quadrantes. Mas há características que se destacam quando se pretende levar um projeto por diante: o gosto pelo trabalho que se desenvolve e a inovação constante.

É o meu compromisso enquanto cá estiver.

Conceição Carvalho

Janeiro 2016

## Pensamentos Lapidares

“A velhice produz mais rugas no espírito que no rosto”

Montaigne

“Ninguém é tão velho que não espere que depois de um dia não venha outro”

Sêneca

Quem, propositadamente, desrespeite estatutos inerentes à velhice, desrespeita-se a si próprio, pois as rugas não são uma fealdade da vida e do tempo, mas criterioso acumular de sabedoria a perspetivar os caminhos de um “mótus” - próprio espontâneo, natural, sábio, plêiade de outras rugas a aplanarem recônditos imensuráveis na transcorrência terrena às plenitudes no futuro, inscrição a perpetuar-se num memorial cósmico.

Os velhos, na luminosidade das rugas esculpidas, são árvores a apontarem ramos ao cosmos e por onde os luars da existência escorregam nas rugosidades vetustas do tronco; raízes do pensamento a afundarem no húmus da sabedoria filosófica, afetiva, fraterna: existencialismo a emergir como um músculo que absorveu seivas para as catalisar e doar.

E é assim que, eu, na plenitude de uma vitalidade decrescente e nos fulgores ainda transparentes e lúcidos da minha vivência propecta, me sinto e me arrojoo a um testemunho sincero. Mas não dou, nem darei, nunca, a outra face: ... Quem me desrespeite, desrespeita todos os cânones que memorizam as virtudes das rugas, síntese de uma juventude passada, experiência e sabedoria num testemunho a passar e a resguardar, pois movemo-nos e existimos numa inevitabilidade inexorável e axiomática: “Viver muito tempo significa sobreviver a muitos entes amados, odiados, indiferentes”. (Goethe)

Autor: Afonso Henriques Ferreira

**Bem-vinda Doutora**

I

Senhora de bom coração  
Gosta de fado e fadistas  
Das portas de S. Antão  
Para a Casa dos Artistas

II

Saiu da porta da caixa  
Ela tem uma netinha  
Chegou agora da baixa  
E veio parar à Pontinha

III

Esta quadra é verdadeira  
O poeta mete dó  
A Diretora financeira  
Já é uma Senhora avó

IV

Com versos eu pinto a manta  
Tenho amor no coração  
Você tem nome de Santa  
A Doutora Conceição

V

Já cá está no seu trabalho  
É apenas um aviso  
D. Conceição Carvalho  
Que tem um lindo sorriso

VI

De poesia sou amante  
Ela é muito inteligente  
É alta muito elegante  
E está cá ao pé da gente

VII

Tem porte de grande Dama  
A Doutora quem diria  
Chegou do Politeama  
E está na Secretaria

VIII

Receba um grande beijinho  
Beijinhos de toda a gente  
Até o Júlio Coutinho  
Fica louco de contente

Autor: Júlio Coutinho

**Mote: Como nós não há ninguém.**

Se vieses a Portugal  
Verás que te sentes bem  
Somos Povo sem igual  
Como nós não há ninguém

Autora: Linita Marques

**Tema: SOLIDÃO**

A solidão palavra triste  
Como tu não pode haver  
Só o tempo é que resiste  
A solidão ao sofrer

O tempo que tudo dá  
O tempo tudo gasta  
Oh! Solidão solidão  
tu és pior que madrasta

Quem vive na solidão  
Não vive apenas vegeta  
Dá cabo do coração  
Até a alma me afecta

Solidão e a saudade  
Inimigos de raiz  
A uma ninguém a quer  
A outra ninguém a quis

Ai solidão se eu pudesse  
Daria cabo de ti  
O que eu sofri não me esquece  
Só Deus sabe o que senti

Palavra que só por si  
Ela define um destino  
Eu queria viver sem ti  
Com solidão não atino

Solidão palavra triste  
Solidão palavra morta  
Anda segue o teu destino  
Não batas à minha porta

Solidão porque me segues  
Solidão que não me deixas  
A vida às vezes é bela  
E só de ti tenho queixas

E quem é que não sofreu  
Momentos de solidão  
Sabe Deus e sei-o eu  
E sabem os que aqui estão

Autora: Linita Marques

**SILÊNCIO... morreu a “Bia” (1939/2015)**

Beatriz da Conceição Mendes Lage, “Bia”, nasceu no Porto em 21-08-39. Ainda miúda, adorava ouvir na rádio Fernanda Maria, Lucília do Carmo e Argentina Santos. Mas foi Márcia Condessa quem a convidou a cantar no seu Restaurante, na Praça da Alegria. Rapidamente chegou ao estrelato e a partir de 1966 foi “vedeta” nos teatros do Parque Mayer. Viajou pela Europa, África, Américas e até cantou no Japão. Foi contratada duas vezes para o Brasil (Julho/68 e Março/73), foi também cantar a Buenos Ayres e participou num “Especial Raul Solnado” na TV Globo.

Mulher bela e elegantíssima era, no entanto, totalmente irreverente, polémica e com um linguajar muito próprio e vernáculo.

Vasco de Lima Couto disse dela: **“A voz de Beatriz da Conceição (...) toma conta de nós, no primeiro instante da palavra”**.

Autor: Pedro Machado



Pedro Machado e Beatriz da Conceição

**Colabore com a nova edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.**

**Contamos consigo!**

## Celeste Rodrigues

Maria Celeste Rebordão Rodrigues, irmã da nossa querida e grande Amália. Natural da Beira Baixa (Fundão – Alpedrinha). Foi casada com o actor Varela Silva de quem teve duas filhas, que vivem na América, a Rita e a Maria José. Está nesta altura com 93 anos e canta todas as noites em casas típicas e faz vários espetáculos cá e no estrangeiro. Fez a sua estreia com 22 anos no Parque Mayer no Café-Concerto “Casablanca” do Zé Miguel, depois foi cantar para o Machado, Parreirinha de Alfama da nossa querida Argentina Santos, Adega Mesquita e esteve na Tipoia no Bairro Alto. Trabalhou algumas vezes no Casino Estoril e na televisão. Canta atualmente em Alfama, no Bacalhau de Mólho e no Bairro Alto, no Luso. É nossa Sócia, já cá veio duas vezes cantar ao Teatro Armando Cortez. Veio com os pais e irmãos viver para a casa da avó Ana do Rosário no Pátio dos Quintalinhos na Estrada do Alvito em Alcântara. Foi com a irmã Amália, dois anos mais velha, trabalhar para o Cais de Alcântara; vendiam artesanato e fruta. Com apenas 10 anos, Celeste integrou, com a mãe e o irmão Filipe, a marcha do bairro. Esteve para casar com o cavaleiro Manuel Casimiro, irmão da grande actriz Mirita Casimiro. Hoje vive com os netos perto do Campo Santana em Lisboa.

Varela Silva, como prenda de casamento deu-lhe a Viela na rua das Taipas e ela foi empresária nas noites fadistas durante mais de 30 anos. Foi seu sócio, o fadista Sérgio. Por ali passaram grandes nomes do Fado, tais como: António Mourão, Anita Guerreiro, Maria Marques, Deolinda Rodrigues, etc. Tive o privilégio de uma noite na companhia do actor José de Castro comer favas guisadas feitas pelo Carlos Ramos e ouvir cantar a minha saudosa Amália. Que saudades meu Deus. O copo de água dos batizados das filhas da Celeste foi na Rua da Alegria na casa de fados da Márcia Condessa. Eu tinha na altura 13 para 14 anos, fugia de casa e passava o dia e a noite com os artistas. Não ia comer nem dormir a casa e a minha querida mãe ralada; eu passava mal porque queria, ficava a dormir no chão em casa dos amigos, enfim, fazia o que queria e era feliz à minha maneira. Fui amigo do Manel da Viela que era o cozinheiro, e sabendo da minha vida, disse-me “às nove da noite vai pela porta da escada, desce à cave que eu dou-te de comer”. Um dia ouvi passos, de alguém a descer a escada, era a D. Celeste e eu fiquei para morrer. Ela bateu à porta, veio o Manel que ficou sem fala ao ver a patroa e ela disse-lhe: - é seu amigo? É! Não se dá de comer na escada. Entra e come.

**Autor:** Júlio Coutinho

## Teatro Politeama

Lisboa dispõe de múltiplas salas de espectáculo que alcançaram, em determinados períodos da sua existência, a adesão de um público exigente e entusiasta. Mas poucas salas como a do Teatro Politeama podem orgulhar-se de terem conseguido, ao fim de oito décadas de atividade regular, manter um elevado nível de qualidade e a demanda de um público fiel.

Muitos dramaturgos, portugueses e estrangeiros, viram as suas criações teatrais obter a consagração neste público. Grandes encenadores nacionais viveram aqui momentos de glória e a generalidade dos actores que fizeram história em Portugal arrebataram desta plateia estrondosos aplausos.

Ao fim de várias décadas de atividade, o Teatro Politeama continua a ser um polo dinamizador teatral para um público entusiasta, com grandes e belíssimos espetáculos e com a capacidade criativa do notável encenador português, Filipe La Féria.

Quando se entra no salão nobre do Teatro Politeama, pode ler-se uma inscrição alusiva à fundação desta sala de espetáculos: “Este Teatro Politeama, inaugurado em 6 de Dezembro de 1913, foi mandado edificar por Luís António Pereira, sendo arquiteto da obra Miguel Ventura, construtor José Passos Mesquita, e decoradores José Veloso Salgado e A. Benvindo Seia”.

No teatro podem encontrar-se dezenas de placas evocativas de acontecimentos e de presenças notáveis neste palco, como a 100ª e 200ª representação de “Amália”, musical escrito e encenado por Filipe La Féria, assim como outros espetáculos: 100ª representação de “Maldita Cocaína” e “Maria Callas”. A companhia de Filipe La Féria tem ao longo destes anos presenteado o público português com grandes espetáculos, alguns deles infanto-juvenis, baseados em textos literários, contos juvenis ou na história e vida de consagrados artistas portugueses e internacionais, como Maldita Cocaína; Jasmim ou o Sonho do Cinema; Maria Callas; A Casa do Lago, Amália – O Musical do Filipe La Féria; My Fair Lady; A Rainha do Ferro Velho; A Menina do Mar; Alice no País das Maravilhas; A Canção de Lisboa; Música no Coração; O Príncipezinho; Jesus Cristo Superstar; O Meu Pé de Laranja Lima; O Sítio do Picapau Amarelo; Um Violino no Telhado; Fado – História de um Povo; Pinóquio; Uma Noite em Casa de Amália; Peter Pan; Grande Revista à Portuguesa; Portugal à Gargalhada...

Outras placas celebram nomes portugueses: o da Companhia de Teatro Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, que estiveram albergados no Teatro Politeama de 1922 a 1926, com variadíssimos espetáculos e consagrados artistas como Palmira Bastos, Angela Pinto, Adelina Abranches, Raúl de Carvalho...

Ao contrário de outras salas de espectáculo que se foram perdendo com o tempo, o Teatro Politeama (reconstruído por Filipe La Féria em 1992/3) ainda se encontra cheio de vida, apesar dos seus 102 anos e num momento de rara glória e frescura. Aqui saboreiam-se os prazeres de uma sala cheia de história e requinte, onde o público vibra com o que ouve e vê. Viva a Cultura, viva o Teatro Politeama.

**“Cá estamos todos”**

Muito queixosa a Nini  
Com a Sóninha e seus encantos  
A gargalhar a Balbi  
Bom dia Argentina Santos

O Évora já está melhor  
A eles ninguém os enrola  
A Lisete e o Melchior  
Mais a Adelina Viola

Nestes versos de cordel  
Ando aqui com um dilema  
A Fernanda e o Zé Manel  
Boa noite Maria Ema

Estamos todos em Lisboa  
Já sabemos como é  
Olá Fernanda Gamboa  
Com a Delmira e Nazaré

Vem aí o fim do ano  
Sou cristão e sou crente  
O Boni a tocar piano  
E a Ondina está doente

O Matos com a Amorinda  
A mim ninguém me irrita  
Vai o Jaime e a Lucinda  
E a Cláudia com a Zita

Quadras, rimas, tudo é prosa  
Vive aqui perto de nós  
O actor Joaquim Rosa  
Com Isabel e linda voz

Anna Paula que bonita  
É tão bom maçã reineta  
O Gouveia e a Melita  
Lá estão eles com a Julieta

A Nô-Nô e a Lourdinhas  
Lá estão no 3º andar  
Muito baixas e gordinhas  
A Teresinha e a Dedé também lá estão a morar

De dentro do coração  
Nossa Célia quem diria  
A grande Adelaide João  
E a actriz Clara Maria

Da Emissora Nacional  
Ela é muito pequenina  
E a Josefa é igual  
Grande ponto foi Tótinha

Vamos lá falar de Fado  
Vamos lá falar das artes  
Mariema e o Machado  
Noémia e Linita Marques



Ilda é flor é nardo  
Com a Florence a pintar  
Muito doente o Ricardo  
Com a Lila a desenhar

Nesta “Casa do Artista”  
Só a doença não presta  
A Cidaliza é fadista  
E a D. Isabel é Mestra

Eu sou um homem feliz  
Às vezes sou um amor  
D. Graça é boa atriz  
E o Venâncio um grande actor

É bom o sumo da uva  
É gosto que a gente opina  
A Etelvina é viúva  
Mais a Maria Adelina

Alto e grande Senhor  
Eu conheço o seu pisar  
Afonso Henriques escritor  
É Rei no 1º andar

Há mais de uma fadista  
Património de aguarela  
O Avelino guitarrista  
Olá Fonseca Manuela

A Noémia e Evangelina  
Fernanda que foi estrangeira  
A Luisa bailarina  
Boa noite Teresa Ferreira

Odete segue uma rota  
Cada qual com seu amor  
Lá vem a Adelaide Mota  
E o Lopes Victor Doutor

De manhã abro a janela  
E digo logo bom dia  
Bem-haja Maria Manuela  
Grande Manuela Maria

Autor: Júlio Coutinho

### AREIAS

- 100 gr. Açúcar
- 200 gr. Manteiga
- 300 gr. Farinha



Derreter a manteiga, adicionar o açúcar e a farinha. Quando está tudo bem misturado fazem-se umas bolas pequeninas e na parte de cima põe-se uma dedada para amachucar. Vai ao forno e ainda quentes passa-se por açúcar ou deixa-se ficar sem nada. São muito boas.

**Silêncio, vai falar-se de fado! (... de Coimbra)**

Poucos são os que sabem que “DIANA” é o nome artístico de Maria Dulce Martins.

Nascida no Porto, há já p`ra cima de muitos anos, viajou pelo mundo exibindo os seus dotes de artista multifacetada.

Começou nas revistas do Avelino Carneiro, nos “Serões da FNAT” do maestro Resende Dias e foi aluna de António Pedro no Teatro Experimental do Porto, onde contracenou com os prestigiados Tónia Carrero e Paulo Antran, na famosa peça “Seis personagens à procura dum autor”.

Um dia, deu-lhe na telha e veio por aí abaixo. Fez uma pausa em Coimbra, para beber na tal fonte dos cantores coimbrões, inspiração necessária para ser das poucas mulheres que se atrevem a cantar (e bem) tão difíceis melodias.

Oriunda duma família de artistas (a irmã, Lili Martins, era fadista e o cunhado, Antero Guimarães, músico) chegou a ser aconselhada por Mota Pereira a fazer carreira de cantora de ópera, mas o seu espírito aventureiro não lhe permitiu parar neste ou naquele lugar.

Depois de sair do Porto e saciar a sua sede em Coimbra, esteve uns tempos em Lisboa, depois foi ao Algarve que a reclamou e a Madeira não querendo ficar pr`a trás, acenou-lhe com bananas.

Lourenço Marques teve também a sua vez, mas perdeu em confronto com Joanesburgo, onde “Diana”, se quisesse, ainda era recebida com pompa e circunstância, tal é o cartel que aí deixou.

E viv`ó Porto, mais o Boavista. A nossa Diana atualmente vive na Casa do Artista muito feliz e contente.

Pedro Machado

**ANO NOVO**

- PARA O ANO QUE AÍ VEM

A pensar Felicidade,  
alguém disse esta verdade:

“Se queres mesmo ser feliz  
como sonhas, como dizes,  
vê de longe... não analyses.”

Analisar, com efeito,  
é andarmos à procura  
de um problema, ou defeito,  
que por vezes não tem cura.

Pensa bem, não analyses,  
se queres dias mais felizes!  
Esta a receita a seguir  
para o ano que há-de vir.

Receita, sim, que assumida,  
vai ao lume, já mexida,  
temperada, bem fervida  
em caldo de tolerância...

Depois, é servir a rodos,  
e no meio desta abundância:

**BOM APETITE P'RA TODOS!**

Autora: Cândida Cortes  
Lx<sup>a</sup>, 30.XII.2013

**Meu irmão – sou teu irmão**

Se podes mudar o mundo  
E com força dizer não  
A todos os falsos profetas ...  
Se podes cá bem no fundo  
Ouvir a voz da razão  
Nas chagas que estão abertas

Se podes calar o grito  
À sofredora criança  
Sem ofender a razão  
Se no mar do infinito  
Deres o leme feito s'perança  
A quem está na solidão

Se podes em corpo aberto  
Dar tudo o que tens lá dentro  
Sem nunca pôr condição  
Aqui tens no grito certo  
Num amor em movimento  
Meu irmão sou teu irmão

**Autor:** Lopes Victor

**Atividades Cognitivas**

Cão que ladra ... 1  
Quem sai aos seus ... 2  
Amigos, amigos ... 3  
De boas intenções ... 4  
Há males... 5  
Mais vale só ... 6  
Tal pai ... 7  
A galinha do vizinho ... 8  
A cavalo dado ... 9  
Água mole em pedra dura ... 10

**A** ... negócios à parte  
**B** ... não se olha o dente  
**C** ... é sempre melhor que a minha  
**D** ... tal filho  
**E** ... tanto bate até que fura  
**F** ... não degenera  
**G** ... que vêm por bem  
**H** ... não morde  
**I** ... do que mal acompanhado  
**J** ... está o inferno cheio

## Curiosidade ... Sabe o que é uma Colorista? Então leia...



Não sendo residente da nossa “CASA”, estou como já estive em residência temporária para recuperação de uma cirurgia. Mesmo assim entendeu o editor do “Boletim” pedir-me para escrever sobre a minha atividade profissional como colorista cinematográfica.

Como não gosto de falar sobre mim, junto um artigo que saiu na internet, na altura em que fui homenageada pela “Associação de Imagem Cinema e Televisão Portuguesa” (aip).

Teresa Ferreira

### Homenagem da aip a Teresa Ferreira “étalonnage” Tobis

Decidiu a Associação de Imagem Portuguesa (aip) atribuir a sua homenagem a Teresa Ferreira durante o decurso do Festival de Cinema Cineport em Lagos, no próximo dia 10 de Junho.

Teresa Ferreira trabalhou no Laboratório “Tobis Portuguesa”, contribuindo com a sua arte em quase toda a cinematografia portuguesa desde 1958 quando iniciou a sua carreira. Por ela, passaram as densidades, as cores, as cópias zero de algumas centenas de filmes portugueses e estrangeiros.

Dedicou a sua vida à paixão do cinema e em especial ao cinema novo português ao qual aderiu com fervor.

Nasceu em Lisboa em 1940.

Iniciou a sua carreira profissional, ainda durante o curso na Escola de Artes Decorativas António Arroios em 1958 integrando o Laboratório da Tobis.

Mas em 1960 foi contactada pelo engenheiro Gil para que fizesse parte de um novo projeto de Laboratório para Portugal, melhor equipado que então a Tobis. Aceitou o desafio de integrar a Ulysseia Filme. Facto esse, que lhe permitiu estar próximo do cinema novo português que desponta nos anos sessenta.

Na formação específica da sua área faz dois estágios ao estrangeiro. Em Dassonville, Bruxelas em 1961 e no Laboratório Eclair em Paris 1967.



Em 1979, por causa da falta de trabalho motivado pelo período difícil que a Ulysseia Filme estava a atravessar, muda de novo para a Tobis. Já neste seu novo emprego, com o objetivo de enriquecer os seus conhecimentos, vai estagiar para o laboratório Telecipro em Paris 1980 e visita algumas fábricas de equipamento cinematográfico, e em 1990 no Lab Arri em Munique já na era do digital.

Etalonadora por opção, Teresa Ferreira completa 48 anos de carreira dedicada ao cinema e às fitas portuguesas. Dezenas e dezenas de diretores de fotografia de várias gerações com ela partilharam sombra e luz, cores e planos na execução da cópia zero.

(aip)

**“ NUTRIBOLO DE CACAU E ALFARROBA BIO C/ SUPERALIMENTOS****Receita Funcional : NutriChef Duarte Alves****Ingredientes :**

40 gr	Cacau Bio em pó ( 100% )
40 gr	Farinha de Alfarroba Bio
500 gr	Farinha de Arroz Bio ou Farinha de Aveia Bio
20 gr	Fermento Bio Sem Gluten ou Bicarbonato de Sódio
20 gr	Canela Bio em pó
5 gr	Gengibre em pó
5 gr	Açafrão Bio em pó
¼ c.café	Pimenta Preta Bio moída
120 gr	Açúcar de Côco Bio ou Stevia ou Xilitol
5 gr	Flor de Sal Bio
700 ml	Água Alcalina
150 ml	Azeite Virgem Bio

**Preparação :**

- Numa taça misturar muito bem todos os ingredientes secos, só depois misturar muito bem todos os ingredientes líquidos até obter uma textura leve e cremosa.
- Colocar a massa numa forma redonda previamente pincelada com Azeite.
- Deixar a massa do bolo tapada com um pano cerca de 30min. para levedar.
- Colocar em Forno ventilado pré-aquecido a 170° / 35 a 40 min.
- Retirar do forno no ponto em que estiver cozido, alto e fofo.
- Deixar arrefecer e decorar, polvilhando com Cacau e Alfarroba em pó, bagas e frutos secos.

## A GUITARRA PORTUGUESA

Conheça a história da Guitarra Portuguesa nas próximas edições do “Boletim Informativo da Casa do Artista.

Muito se especula acerca da génese de tudo o que é português: que as origens são daqui e dali, que isto foi trazido por este e por aquele, etc.

O mesmo se passa com a Guitarra Portuguesa. Há quem diga que deriva da guitarra inglesa, datada do século passado. Conforme iremos verificar, isto pode não ser bem assim. Há, logo à partida, uma grande diferença entre estas: na Guitarra Portuguesa o tempo é curvo, ao contrário do da inglesa, que é plano. Mesmo em relação ao nome do objeto, da sua origem etimológica diz-se que evolui do grego “Kithara”. Mas o nome Guitarra terá sido adaptado na Península Ibérica a partir da palavra francesa “Guitarre” que, por sua vez, teve a sua (provável) origem no vocabulário Celta.

Contudo, em Portugal, a palavra que se usava era Cítara. Mas o que é dado como verosímil é que a Guitarra Portuguesa já criada neste século, quer seja nas versões de Lisboa, Porto ou Coimbra é única no Mundo e, por isso mesmo, é genuinamente identificada como sendo nossa.

O que podemos afirmar com certeza é que a guitarra é uma cítara, ao contrário da viola, cujo cavalete é fixo e que pertence à família dos alaúdes. A Guitarra Portuguesa possui um cavalete móvel e a sua sólida construção é hoje feita a partir de materiais nobres, tais como o pau santo e a madeira de spruce (um pinheiro típico dos países nórdicos).



No passado dia 10 de Janeiro 2016, os Residentes da Casa do Artista foram ao Teatro Tivoli ver a peça “Plaza Suite”, com interpretação de Alexandra Lencastre e Diogo Infante.

Foi uma tarde diferente e cheia de emoções e do agrado de todos.

O nosso bem-haja pelo convite e pelas palavras que o actor Diogo Infante dedicou aos colegas da Casa do Artista, no final do espectáculo.

## À Conversa com a atriz Io Appolloni



Numa das suas passagens pela Casa do Artista, o “Boletim Informativo da Casa do Artista” conversou com a atriz Io Appolloni.

No decorrer da conversa ficamos a saber que adora as artes, por as considerar o melhor que existe na humanidade. Crê que o teatro é a fonte e o estilo com que mais se identifica, porque vive o que faz. Os artistas têm de ter a capacidade de transmitir a sua arte, as suas emoções, as suas inquietudes.

Enquanto atriz tem dedicado a sua vida profissional aos diferentes géneros, desde o cinema, teatro, drama, comédia, musical e revista. Disse que o mais importante é ouvir a gargalhada do público. *“A comunicação direta é uma troca energética, dá saúde”*.

Confessou-nos que o cinema foi importante para a sua vida profissional, tendo participado em vários festivais.

Outros dos momentos mais marcantes na sua carreira artística têm sido os espetáculos “Poemas da minha vida”. Na sua passagem pela Casa presenteou os Residentes com um Recital de Poesia. Só diz os poemas que sente, acredita e que lhe transmitem algo.

É uma mulher feliz, de bem com a vida e que transmite serenidade, tranquilidade. Salienta que *“cada um nasce com o seu talento e os seus interesses”*. Adora viver no campo, onde encontra a sua energia. Existem três elementos essenciais para as pessoas se sentirem na sua plenitude: a beleza, a natureza e as artes.

Para além da sua dedicação às artes tem tido outras ocupações. Trabalhou durante quinze anos sobre a temática da mulher, defendendo o seu papel em vários encontros. E ainda, durante dezanove anos deu a conhecer o seu doce *“Tiramisu”*, um produto de grande qualidade.

Relativamente ao projeto da Casa do Artista refere que foi o melhor que podia ter acontecido aos artistas. *“O saber que existe um espaço que trata as pessoas como pessoas e não como números é um descanso absoluto. Esta Casa é um descanso tão grande, pois é um contentamento muito grande, porque as pessoas se reencontram. A energia de seis pessoas: Manuela Maria, Carmen Dolores, Raul Solnado, Armando Cortez, Pedro Solnado e Octávio Clérigo, que permitiram que este projeto se concretizasse”*.

O “Boletim Informativo da Casa do Artista” agradece o seu contributo, neste encontro tão afetivo e especial.

## “NÃO É PERMITIDO ENVELHECER”

**PROPRIEDADE:  
APOIARTE —  
CASA DO  
ARTISTA**

Estrada da Pontinha, 7  
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890  
Fax: 217110898  
Correio eletrónico:  
[Geral@casadoartista.net](mailto:Geral@casadoartista.net)

### Ficha Técnica

**Edição e Coordenação:**  
Ricardo Madeira  
(Animador Sociocultural)

**Responsável pela Edição:**  
Conceição Carvalho

**Revisão:**  
Fernando Tavares Marques

A Apoiarte é uma Associação de Apoio aos Artistas—Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), que abrange o projeto da Casa do Artista, Teatro Armando Cortez, Galeria Raul Solnado e Centro de Formação, que abriu as suas portas a 5 de Maio de 1999. O seu âmbito contempla as Artes Cénicas, Cinema, Rádio e Televisão, abrangidas pela Lei do Mecenato Cultural.

A Casa do Artista tem como missão prestar cuidados individualizados e personalizados, proporcionando bem-estar, conforto, requinte e lazer aos Residentes. Pretende ser um modelo de referência, de conceito único no nosso país, onde as pessoas das diferentes áreas artísticas se possam encontrar e conviver.

Desta forma, contribui para a melhoria da qualidade de vida de todos os seus Residentes.



### Agenda Cultural

Na sala Beatriz Costa:

- Dia 29 de Janeiro 2016 visualização do documentário “O Fado da Bia”, do realizador Diogo Varela Silva, às 15 horas;
- No dia 5 de Fevereiro 2016, um encontro com a Dr.<sup>a</sup> Maria João Figueiroa, às 15 horas;
- Comemoração do Carnaval no dia 8 de Fevereiro 2016, com a presença da artista Wanda Stuart, às 15 horas.

No Teatro Armando Cortez:

- O Teatro Infantil de Lisboa apresenta o musical “Cinderela”, com encenação de Fernando Gomes;
- No dia 26 de Janeiro 2016 apresentação da peça “Flauta Mágica” da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, com encenação de Olga Sotto e Vítor de Sousa.